

CURSO – BIOMEDICINA/UNIFESP


Hátylas Azevedo

“Não dá para fazer pesquisa sem ser curioso e ter habilidades analíticas.”

Hátylas Azevedo, interessado em pesquisa, entrou em Biomedicina na Unifesp em 2006. Fez mestrado em Biotecnologia e doutorado em Genética na USP. Em 2011 foi admitido como *trainee* na empresa farmacêutica Aché, onde atualmente é gerente de Pesquisa e Desenvolvimento. Nesta entrevista ele relata como evoluiu profissionalmente, seguindo sua carreira acadêmica sem largar sua participação no trabalho prático da indústria.

JC – Quando e por que você decidiu prestar Biomedicina?

Hátylas – Eu gostava da ideia de fazer pesquisa nas áreas biomédicas. No final do 2º ano conversei com uma professora de Biologia do Etapa que me disse que na Unifesp tinha um curso de Ciências Biomédicas, focado em pesquisas em ciências na área de saúde. Era o que eu estava procurando.

Você prestou vestibular para a USP e Unicamp?

Prestei Biologia, na USP e na Unicamp.

Como foi seu método de estudo no colégio?

Sempre mantive um ritmo de estudo legal. Desde o início eu me adaptei muito bem à estrutura do Etapa. Eu queria ter provas. E pude monitorar o meu avanço, conseguia chegar em que tinha ido bem ou mal.

Como foi seu início na Unifesp?

Acho que o 1º ano é sempre de transição para todo mundo, um ano diferente. Tinha muita Matemática, Química, Física, questões mais elementares. Pensei: “Quando é que vem a parte de Biomédicas?”. Mas logo começaram as aulas de Anatomia, Histologia, Biologia Celular, que tinham mais a ver com o meu curso.

Como se desenvolveu o curso?

O curso é integral, em quatro anos. Os três primeiros anos eram de aulas e o 4º ano era dedicado à pesquisa. Você fica num laboratório da universidade, faz um projeto e o apresenta no final do ano. Esse projeto é diferente de um TCC convencional, ele envolve prática. Você tem de fazer os experimentos, já começa a entrar na rotina da área.

Em linhas gerais, que matérias você teve nos três primeiros anos do curso?

No 1º ano tive Anatomia, Histologia, Biologia Celular, Biofísica, Bioquímica, Matemática, Química Orgânica, Química Analítica e Embriologia. No 2º ano, Biologia Molecular, Imunologia, Fisiologia, Imunopatologia, Anatomia Patológica. No 3º ano, Farmacologia, Psicobiologia, Bioinformática, Análises Clínicas e diversas eletivas, sempre na área da saúde. Eu fiz algumas e esse foi o motivo de ir para o mestrado em Biotecnologia na USP. No 3º ano eu cursei uma eletiva de Biotecnologia e me interessei pelo tema. Naquela época a Unifesp não tinha mestrado em Biotecnologia, hoje já tem. O da USP foi o primeiro do país. Busquei no mestrado matérias que não estivessem associadas somente à área da saúde.

ENTREVISTA

Carreira – Biomedicina

1
VOCÊ SABIA QUE

Dom Quixote

6
ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa praticaram atividades físicas com a família na Manhã Esportiva

7
CONTO

Vestida de preto – Mário de Andrade

4
ENTRE PARÊNTESIS

Quem é quem?

7

No 4º ano, qual foi o tema da sua pesquisa?

Eu trabalhei com Neurociências. Estudei a função da proteína GCN2 no desenvolvimento do cérebro. Tinha experimentos que utilizavam amostras humanas, experimentos com amostras de animais, experimentos que eram só *in vitro*, experimentos que eram mais de Biologia Molecular, que mexiam com DNA, RNA, proteínas. Eu trabalhei com cultura celular e com Biologia Molecular, tanto que a minha habilitação é em Biologia Molecular. Além do curso de graduação você sai com uma habilitação para, por exemplo, caso seja necessário, assinar laudos. Laudos de exame de paternidade, laudos de qualquer exame que utilize uma técnica de Biologia Molecular.

Sendo em período integral a graduação, você tinha tempo para outras atividades, ou realmente era focado na universidade?

Focado na universidade. Não tinha tempo. Era integral. O que a gente fazia muito era se envolver em questões da escola. Participar do Centro Acadêmico, da Atlética, dos trabalhos voluntários. Participei durante três anos de um curso pré-vestibular para pessoas de baixa renda, dei aulas de Física e Química. As aulas eram à noite, uma vez por semana, dentro da Unifesp.

No último ano do curso, sua preocupação era entrar no mercado de trabalho?

Em linhas gerais, a maior parte dos formados em Biomedicina vai fazer mestrado e doutorado. Para mim esse foi um processo natural.

Como foi o processo de admissão no mestrado em Biotecnologia?

O processo é simples, são três etapas: a primeira, prova de proficiência em língua inglesa; a segunda, prova teórica sobre temas indicados para você estudar; a terceira, apresentar uma proposta de projeto. Nessa terceira parte tinha de escolher um professor como orientador e definir em linhas gerais um projeto, que seria submetido à apreciação de uma banca, que o analisaria e permitiria ou não a entrada no mestrado.

Quanto tempo no mestrado?

O mestrado durou quase três anos. Depois fiz doutorado em Genética, em três anos e meio. Metade do mestrado e todo o doutorado eu fiz trabalhando no Aché, indústria farmacêutica.

Quando você começou a trabalhar no Aché?

Eu me formei em Biomedicina em 2009, em janeiro de 2010 comecei o mestrado e em 2011, no meio do mestrado, abriu uma vaga de *trainee* no Aché. A vaga era para *trainee* em Biotecnologia, área que eu estava fazendo no mestrado. Falei: "Essa é para mim". A dúvida era: "Vou fazer mestrado

agora ou fico só trabalhando na indústria por um tempo?" Acabei fazendo os dois. Conversei com meu orientador, negociei com ele de continuar fazendo o mestrado. Depois fiz o doutorado em Genética.

Como foi o processo seletivo para admissão como *trainee* no Aché?

A primeira etapa era uma análise de currículo e uma prova a ser feita pela internet, testes de Q.I., coisas assim. Feito isso, tinha uma dinâmica de grupo, uma entrevista com o RH, uma prova de inglês por telefone, um *assessment* (avaliação) de perfil com uma consultoria especializada e a última etapa foi entrevista com o diretor da área. Fomos só eu e outro profissional. O diretor entrevistou os dois e tomou a decisão de me contratar.

O trabalho de *trainee* tem uma duração?

No Aché, um ano e meio.

Como se desenvolveu seu trabalho nesse período de treinamento?

O que aconteceu comigo foi um pouco diferente. Quando entrei como *trainee*, um diretor me fez um convite para, em vez de passar por várias áreas da empresa, trabalhar diretamente na área de Biotecnologia. Achei que seria interessante e aceitei a proposta. A minha vaga era para isso mesmo.

Como era seu trabalho nessa fase?

Quando eu entrei o Brasil estava discutindo os aspectos regulatórios para desenvolver produtos biológicos. Tudo que é desenvolvimento de medicamentos passa pela Anvisa, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que no final de 2010 tinha colocado em prática uma nova resolução com as regras para desenvolver produtos biotecnológicos. O Aché começou a se preparar para desenvolver produtos biotecnológicos e eu participei muito desse planejamento, com discussões regulatórias, análise de propriedade intelectual de produtos biológicos. O Aché acabou entrando numa *joint venture* com outras três indústrias farmacêuticas – EMS, Hypermarcas e União Química – para desenvolver produtos biológicos. Eu participei da construção da nova empresa, a Bionovis. Comecei a entrar numa área de novos negócios que foi muito legal, um aprendizado enriquecedor para mim.

Você foi trabalhar na Bionovis?

Eu fiquei no Aché trabalhando com projetos de pesquisa e desenvolvimento. Descoberta de novas moléculas. Entrei um pouco no mundo da Química Orgânica, dos projetos de sintéticos, numa posição mais de gerente de projetos. É o que venho fazendo. Trabalho com projetos tanto de sintéticos quanto de produtos biológicos e faço a gestão desses projetos. Gestão de atividades, cronogramas, relacionamento com o centro de pesquisas, com universidades, com empresas prestadoras de serviços na área de pesquisas, tanto no Brasil quanto no exterior.

Depois do tempo como *trainee*, você ficou em que posição na empresa?

Continuei como analista. Depende da empresa, você sai do programa de *trainee* e vira analista pleno, sênior, coordenador, gerente. Tem *trainees* que são de mais longo prazo, então os profissionais, quando saem do programa, já ocupam posição de gestor.

Agora você está na posição de gerente de projetos?

Isso. Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento.

Você terminou o doutorado em Genética em março deste ano. Sua formação é bem técnica, mas neste ponto da sua carreira está mais na área de gestão. Você pensa em continuar estudando nessa área ou fazer um pós-doutorado?

Pergunta superinteressante. Eu decidi neste momento não fazer um pós-doutorado, para poder me dedicar a um MBA e complementar minha formação. Vou fazer na FIA. Mas continuo colaborando com o laboratório em que fiz mestrado e doutorado, para seguir fazendo pesquisa, propondo novos projetos, publicando artigos científicos.

Como é que você vê a sua carreira até aqui e o que espera do futuro?

Eu trabalho numa indústria farmacêutica, me encaixei, tenho interesse em continuar na área, que acho fantástica, nela você pode fazer pesquisa aplicada e desenvolver novos medicamentos, é muito bacana. Mas você tem de estar aberto a outras oportunidades, de repente dedicar-se a consultoria, a uma carreira mais acadêmica. Não me escondo dessas possibilidades. Tive uma carreira acadêmica até o momento, com mestrado e doutorado, continuo publicando, mas é natural que eu mantenha o foco nas duas áreas.

Um pé na indústria, um pé na área acadêmica?

Acho difícil um profissional de pesquisa e desenvolvimento não ter interesse em manter uma carreira acadêmica produtiva. Produzindo ciência, produzindo conhecimento, produzindo publicações, indo a congressos, entendendo como estão as coisas.

Como está a área de trabalho, seja em laboratório, seja na indústria, para o profissional de Biomedicina?

É difícil dizer uma área que não foi impactada pela crise. Por exemplo, os meus colegas que ficaram na academia sentiram o peso da crise econômica. O Ministério da Ciência e Tecnologia perdeu muito do orçamento. Eu acho que a decisão por mercado de trabalho está difícil para todo mundo. Mas entendo que sempre vai ter espaço, sempre vai ter oportunidades para bons profissionais.

Que matérias você estudou no Etapa que foram e continuam sendo importantes em suas atividades?

Para Ciências não tem jeito: Biologia, Física e Química. Para o dia a dia, Matemática e Português. Independente da profissão, Matemática e Português são importantes. Ter raciocínio crítico, saber argumentar, saber se posicionar, ser conciso, preciso, tudo isso que você aprende em Matemática e Português. Saber lidar com ambiguidades, interpretação de texto, comunicação, é fundamental para qualquer profissão, todo mundo precisa dessas habilidades.

Há alguma característica para a pessoa se dar bem na Biomedicina?

A primeira coisa é ser curioso. Não dá para fazer pesquisa sem ser curioso e ter habilidades analíticas. É difícil um cientista que não seja crítico, questionador, perguntador, enfim, analítico. Muito importante para a área científica é a comunicação. O tempo todo você está comunicando os seus achados. Seja por meio de um resumo que vai para um congresso, por meio de uma apresentação, das aulas que você dá sobre um tema, das publicações que você faz. O cientista que não sabe se comunicar bem não evolui profissionalmente. Na Unifesp, o curso de Biomedicina ensina muito isso. A gente tinha de escrever projetos, relatórios, fazer apresentações, e éramos questionados pelo jeito como fazíamos tudo.

Em quais áreas o profissional da Biomedicina pode atuar?

A maior parte das pessoas fica na academia, fazem mestrado, doutorado, pós-doutorado aqui e fora, e se tornam professores. Muitos prestam concurso público para institutos de pesquisa, Butantan, Fiocruz, Instituto do Câncer, Embrapa etc. E muita gente trabalha na indústria farmacêutica, que é enorme, só no Brasil são mais de 300 empresas, nacionais e multinacionais. O Brasil é o 7º maior mercado farmacêutico do mundo.

O que você recorda de sua época no colégio?

Tem coisas do colégio e coisas pessoais. A gente passava muito tempo na escola, isso foi muito positivo porque ajudava a desenvolver relações com os amigos e tudo mais. Uma coisa que me marcou muito é a qualidade das pessoas, que são fantásticas. Muitos professores são modelos de profissionais, apaixonados pelo que fazem. Os bons professores que tive foram fundamentais para eu me dar bem na minha carreira e também para aprender a gostar de determinadas matérias. Sempre fui mais das Exatas e da Biologia, mas tive professores de História e Geografia que fizeram com que eu me empolgasse por essas matérias.

Para encerrar, que dica você deixa aos nossos alunos atuais?

Escolham a profissão que vocês acham que vai lhes dar prazer. E se dediquem.